

“Amo meu filho, mas odeio ser mãe”

Reflexões sobre a ambivalência na maternidade contemporânea

Rhuama Ayube de Azevedo

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em
Psicologia – Ênfase em Infância e Família: Avaliação, Prevenção e
Intervenção, sob orientação da Prof^ª. Dr^ª.Andrea Gabriela Ferrari

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Instituto de Psicologia
Programa de Pós-Graduação em Psicologia
Porto Alegre, março de 2017

À minha mãe que, por vezes, deve ter odiado ser mãe, mas fez um bom trabalho sendo suficientemente boa. Obrigada por tudo.

Agradecimentos

Agradeço aos quatro pilares da minha vida. Ao meu marido, por ser a pessoa mais compreensível, companheira, carinhosa e motivadora que já conheci. À minha mãe, por independente do que eu queira realizar, dá suporte, demonstrando sempre amor incondicional. Meu padrasto, mais pai do que eu poderia desejar. E, finalmente, à minha vó que, com toda a sua disposição, é um exemplo pra todos que à conhece. Amo muito vocês. Além disso, aos meus amigos. Não só por através deles ter surgido a ideia de fazer a presente pesquisa, mas também por serem a família que escolhi.

SUMÁRIO

RESUMO	5
ABSTRACT	6
CAPÍTULO I	7
INTRODUÇÃO	7
1.1 O mito da mãe perfeita e a função materna	9
1.2 Ambivalência materna e a mãe contemporânea	11
1.3 Contribuições de Freud	13
1.4 Contribuições de Winnicott	14
CAPÍTULO II	17
MÉTODO	17
2.1 Participantes	17
2.2 Delineamento e procedimentos	18
2.3 Instrumento	18
2.4 Análise de dados	19
CAPÍTULO III	20
RESULTADOS E DISCUSSÃO	20
3.1 Descrição dos Relatos	20
3.2 Discussão	23
CAPÍTULO IV	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	32

RESUMO

“Ser mãe” acarreta para a mulher uma série de comportamentos esperados socialmente, sendo estes papéis intimamente ligados ao que é “ser mulher”. Cobranças de atitudes e sentimentos se mostram claros e, aquela mãe que parece não se encaixar neste perfil acaba sendo julgada. Ao fim de 2015, esta temática foi muito debatida em meios online a partir do “desafio da maternidade”, onde mulheres que demonstraram sua insatisfação com a maternidade foram duramente criticadas. A partir desta premissa, a presente pesquisa visa discutir o papel materno em uma compreensão contemporânea, bem como a construção do mesmo. Além disto, propõem-se a refletir sobre a ambivalência vivenciada pela mulher no momento de maternidade e as frustrações que esta pode gerar, uma vez que muitas mulheres não sentem-se a vontade em expressar suas angústias. Para isto, foram selecionados seis relatos anônimos coletados em grupos de discussão online sobre maternidade, onde mães referem não sentirem-se satisfeitas plenamente com a maternidade. A partir destas narrativas, foi possível observar semelhanças nos diálogos e assim pensar a maternidade dentro de preceitos psicanalíticos, buscando compreender este fenômeno, chegando a possíveis conclusões a cerca do tema.

Palavras-chave: Maternidade, Ambivalência, Função Materna

ABSTRACT

"Being a mother" brings to the woman a series of behaviors socially expected, these roles being intimately connected to what it is to be a woman. Charges of attitudes and feelings are clear and, that mother who does not seem to fit this profile ends up being played. By the end of 2015, this theme was much debated on online media from the "challenge of motherhood", where women who demonstrated their dissatisfaction with motherhood were strongly criticized. From this premise, the present research aims to discuss the maternal role in a contemporary understanding, as well as the construction of the same. In addition, propose to reflect on the ambivalence experienced by women at the moment of maternity and the frustrations that this can generate, since many women do not feel the will to express their anguish. For this, six anonymous reports were selected from online discussion groups on maternity, where mothers report not feeling fully satisfied with motherhood. From these narratives, it was possible to observe similarities in the dialogues and thus to think about motherhood within psychoanalytical precepts, seeking to understand this phenomenon, reaching possible conclusions about the theme.

Key words: Maternity, Ambivalence, Maternal Function

CAPÍTULO I

INTRODUÇÃO

No que diz respeito ao universo feminino, podemos apontar que, em um âmbito do desenvolvimento vital, a maternidade se apresenta como uma das etapas mais importantes, sendo um período de transição, onde ocorrem grandes mudanças metabólicas e psíquicas. Historicamente, o “ser mulher” está intrinsecamente relacionado ao “ser mãe” e aos papéis que a sociedade exige serem cumpridos na maternidade. A possibilidade de gerar, assim, se apresenta como uma das grandes características da mulher e que, desta forma, relaciona o “dom da maternidade” com a própria feminilidade. Socialmente é esperado que uma mulher queira ser mãe, e não só, de uma certa forma a mulher é treinada desde a infância a cumprir um ideal, esperando que esta seja compreensiva, equilibrada, feminina e apta a grandes sacrifícios (Azevedo & Arrais, 2006). Ao longo dos séculos, este papel de mãe perfeita se manteve rígido, em uma imagem romanceada, não dando espaço para prováveis ambivalências que a maternidade proporciona, podendo causar grande sofrimento, gerando um conflito interno do idealizado e o vivenciado. Analisando a construção do ideal materno como o conhecemos hoje, se torna clara a necessidade de pensar em uma reflexão e desconstrução desta figura que se apresenta, pela imposição social, com caráter utópico e transgeracionalmente arraigado. Isto se torna importante, pois parece dificultar a forma como as mulheres vão agir, pensar e sentir a maternidade. A dedicação integral e amor incondicional que são exigidos, podem acabar impondo uma anulação da subjetividade, uma vez que a mulher deixa de ser mulher para ser mãe (TOURINHO, 2006).

Com o advento da Internet e das redes sociais, algumas mulheres encontraram neste veículo um meio de exteriorizar suas vivências em relação à maternidade, desmistificando-a, apontando aspectos frustrantes e sentimentos ambivalentes em relação a ser mãe. No final de 2015 estes desabafos tiveram grande repercussão nas mídias sociais, mas relatos mais antigos de mães em sofrimento com a maternidade também podem ser encontrados. Muitas destas mulheres receberam julgamentos agressivos de pessoas que creem na maternidade como dádiva, mas também tiveram apoio de outras mulheres que compartilhavam dos mesmos anseios e não se sentiam à vontade de expor devido à pressão social.

Este trabalho, levando em conta as questões apontadas, tem como intuito, através de relatos obtidos em grupos abertos de discussão sobre maternidade de mulheres insatisfeitas com o papel que lhes foi exigido, compreender e ressignificar a maternidade. Desta forma, visa-se desconstruir o mito do ideal materno e redefinir o que é ser mãe na contemporaneidade através de uma discussão realizada a partir de uma revisão literária que busca entender este momento da vida da mulher em um enfoque psicossocial, assim ampliando a discussão do fenômeno. Neste contexto, este estudo visa discutir o possível adoecimento que a busca por condizer com estes parâmetros pode acarretar. Tem como intuito tentar compreender as ambivalências que muitas vezes são experienciadas, os sentimentos de frustração e desamparo que a maternidade pode proporcionar, discutindo, assim, novas formas de pensar, não enraizadas à normatividade, mas ao real e, muitas vezes não dito. Também parece importante visar entender o porque da causa do sofrimento e tentar pensar em possíveis soluções para este conflito.

Além disto, muito é falado academicamente sobre as dificuldades da maternidade e, principalmente, focando mães que apresentam depressão pós-parto, relacionando esta com a incapacidade de afeto em relação à maternidade. Propõem-se então pensar a insatisfação ao papel materno em mães sem considerar um quadro depressivo em um primeiro momento, mesmo entendendo que possa haver a existência deste diagnóstico. Busca-se assim dar novas compreensões à “anormalidade” em relação a esta condição, levando em conta a sociedade atual e o papel da mulher neste contexto. A partir da obra de Freud e Winnicott, é possível revisar conceitos de maternidade e de suas funções, buscando relativizar e assim, compreendê-las dentro de um aspecto mais contemporâneo.

A maternidade é um momento ímpar na vivência feminina e, por isto, torna-se relevante o estudo do mesmo levando em conta a mulher na atualidade e sua subjetividade no que diz respeito aos papéis retrógrados que são impostos. No campo da psicologia, parece ser importante observar esta demanda de desprazer com a maternidade pois, devido à repressão e julgamento social, poucas mulheres sentem-se à vontade de relatar, embora possa ser natural a vivência destes sentimentos. Muito é falado socialmente sobre as dificuldades de ser mãe mas, mesmo assim, ainda é visto como uma experiência edificante e recompensadora o que, provavelmente, deve ser revisado.

1.1 O mito da mãe perfeita e a função materna

Segundo Tourinho (2006), o ideal de mãe perfeita tem influências que podem ser positivas ou negativas para a mulher e seu filho e muitas acabam se sentindo afligidas com pensamentos relacionados a ser ou não uma boa mãe. Embora a sociedade cobre dela o amor incondicional ao seu filho, a vivência nem sempre é esta, podendo ocorrer em alguns momentos sentimentos de raiva e dúvida e assim, se culpam por isso.

A autora ressalta que, pensando em representações de papéis, é possível verificar que estes têm importantes funções estratégicas na sociedade, sendo as representações caracterizadas por repetições de modelos apreendidos socialmente. Tourinho (2006) indica que a idealização do papel materno passou a ter padrões comportamentais que as mulheres se identificam, através de gerações, como padrões das mulheres de sua família e sua comunidade. Foi então depositado na idealização de mãe perfeita certas responsabilidades que dizem respeito à manutenção da unidade familiar, garantindo ao homem maior disponibilidade para obrigações sociais. Por muito tempo a mulher foi reduzida ao seu gênero, ligado a fragilidade e quase sempre podendo induzir doenças, sendo assim, um perigo para os homens. Neste sentido, este movimento acabou se acelerando no século XVIII, onde houve uma patologização da mulher, tornando o seu corpo em objeto de estudo médico, alvo do saber normativo da higiene.

É neste contexto que Badinter (1985) aponta que a criança era vista com indiferença, desinteresse e até mesmo frieza, pois no século XVIII, era considerada imperfeita e inacabada. Além disto, havia uma alta taxa de mortalidade infantil e, assim, a indiferença era tida como um comportamento de proteção que a mãe desenvolvia frente a possível perda de seu filho. Posteriormente acabou-se concluindo que esta alta mortalidade estava justamente relacionada a este desinteresse dos pais e, essencialmente da mãe pela criança. Ao fim deste século, Badinter (1985) indica que surgiram publicações que se apresentaram como uma forma de revolução em relação a mentalidade que circundava a imagem materna, seu papel e sua importância, modificando à radicalmente. Foi assim imposto à mulher a obrigação de ser mãe, agregando o mito do instinto materno, amor espontâneo e incondicional da mãe pelo filho. A maternagem e os cuidados maternos então se tornaram considerados fundamentais para o desenvolvimento e sobrevivência infantil. É neste momento também que, segundo Tourinho (2006), surgiram analogias entre a imagem da mãe em um sentido religioso, vista como santa, levando em consideração que ambos os papéis exigiam certo sacrifício e

reclusão. Passou-se assim a acreditar-se na afirmação de que a maternidade seria uma característica inata feminina, um dom, puramente biológico e instintivo, independente de cultura e condição sócio-econômica.

Segundo Tourinho (2006), o conceito de amor materno começa a organizar o contexto familiar em torno da criança, elevando a responsabilidade da mãe. O culto ao amor materno tem então seu apogeu nos séculos XIX e XX, desenvolvendo-se um discurso que relacionava invariavelmente a feminilidade pela maternidade. Neste contexto, ainda se torna importante salientar que, devido à condição político-econômico da época, os homens tiveram de se ausentar do âmbito familiar, recaindo assim à mulher toda a responsabilidade, levando a dignificação do papel materno. Tourinho (2006) afirma que a mulher acaba por assumir o papel de educadora, lhe dando uma função social, uma vez que antes era apenas vista como geratriz. Assim, a mulher recebeu inúmeras responsabilidades, como o bem-estar familiar e a saúde da mesma, ser uma boa dona de casa, o desenvolvimento emocional do seu filho e o controle do mesmo. A autora ainda destaca que, dentro deste enfoque, à mulher cabia os cuidados da casa, sendo até mesmo indecoroso o homem se envolver nas questões do lar e desejar participar. A mulher limitou-se ao recolhimento, dedicando-se ao cumprimento da única função que era acreditado que a natureza havia lhe dado e única forma de almejar felicidade.

A questão do instinto materno passa então a estar presente na criação da mulher desde a infância, tornando-a deslumbrada pelo papel de mãe. Tourinho (2006) indica que o sofrimento passou a ser tido como algo inerente à condição feminina e por esta “possuir” um amor incondicional, se vê satisfeita com a posição que exerce. A maternidade não é algo ensinado ou discutido até a situação de gravidez e a mulher acaba por descobrir esta idealização e a impossibilidade de dar conta deste mito em sua vivência. A autora afirma que, após um “tratamento de choque” desenvolvido pelo movimento higiênico, o amor materno, com o passar do tempo, se distanciou um pouco do caráter biológico, passando a ser visto como um dever moral para com a sociedade. Dever de educar seus filhos, de cuidados que ficam, muitas vezes, restritos a mulher, e que ainda dão conta da construção do que são tarefas femininas.

1.2 Ambivalência materna e a mãe contemporânea

Travessos-Rodrigues & Féres-Carneiro (2013) destacam que o nascimento define para a mulher uma fase em que, biologicamente, se tornam pré-disponíveis à instabilidades, tanto metabólicas, quanto hormonais, além das mudanças aparentes no corpo. O puerpério assim se caracteriza por uma fase em que a mãe precisa se adaptar ao seu bebê, com o seu entorno, bem como à sua própria nova condição. Neste contexto, é exigido um reajustamento intra e intersíquico que, dependendo das circunstâncias, necessita de maior esforço elaborativo, podendo, assim, gerar na mãe algum tipo de ambivalência.

Tourinho (2006), fala sobre a frequente observação de sentimentos de ambiguidade e dúvida no discurso de mulheres contemporâneas no que diz respeito ao contexto da maternidade, podendo gerar culpabilidade em não agir ou sentir de acordo com o esperado socialmente, devido a normas internalizadas inconscientemente. Estas normas se tornam intrínsecas, pois são reproduzidas há gerações e acabaram por integrar a subjetividade feminina, modelando papéis impostos. Estes sentimentos podem ocorrer em mulheres que, de certa forma, não tem um amor incondicional por seu filho, gerando raiva ou frustração pelo nascimento de uma criança. Neste sentido, buscando compreender melhor o sentido de ambivalência, Laplanche & Pontalis (2001) indicam como uma:

Presença simultânea, na relação com o mesmo objeto, de tendências, de atitudes e de sentimentos opostos, fundamentalmente o amor e o ódio. Freud emprestou o termo ‘ambivalência’ de Bleuler, que o criou. Bleuler considera a ambivalência em três domínios. Voluntário: o sujeito quer ao mesmo tempo comer e não comer, por exemplo. Intelectual: o sujeito enuncia simultaneamente uma proposição e o seu contrário. Afetivo: ama e odeia em um mesmo movimento a mesma pessoa. (LAPLANCHE & PONTALIS, 2001, p. 22)

Além da ambivalência, Tourinho (2006) propõe a possibilidade de uma mulher conceber um filho, mas não necessariamente sentir amor pela criança. Neste caso, outras questões normativas podem despertar nela a ação do cuidado. São valores tanto morais quanto sociais que se impelem sob o desejo e o dever da maternidade. *“Os valores de uma sociedade são por vezes tão imperiosos que têm um peso incalculável sobre os nossos desejos”* (BADINTER, 1985; p. 16). Serrurier (1993) completa em um pensamento mais contemporâneo, entendendo a condição de ser mãe sob a ótica das exigências sociais, incluindo o conflito de mulheres que não querem ou não sentem-se preparadas para a maternidade. *“Ser mãe hoje não é tão simples; recusar a sê-lo menos ainda”* (SERRURIER, 1993; p. 8).

É dentro deste contexto contemporâneo que Sá (2010) relaciona valores e ideologias que dizem respeito às práticas maternas ainda impedem uma posição social igualitária de gênero. Afirma que, segundo algumas teorias feministas mais radicais, para as mulheres conquistarem independência e autonomia, as mesmas devem abdicar da maternidade e até mesmo o matrimônio, uma vez que estes colocaram a mulher em posição inferior, gerando uma relação de dependência e subjugação frente ao homem durante muitas gerações. Independente destas questões, as mulheres ainda apresentam o desejo de ser mãe, querendo ser tão boa na vida profissional quanto na familiar, tornando o exercício da maternidade um problema que pode gerar dúvidas e dificuldades.

Sá (2010) comenta Silva Baptista (1995, *apud* Sá, 2010) sobre o dilema em que se depara a mulher contemporânea. Ao mesmo tempo em que se encontram estatisticamente mais presentes em ambientes de trabalho e instrução, conquistando independência, algumas sentem-se perdendo a experiência de construir e preservar com certa qualidade uma família, vivenciando uma tensão mútua entre valores modernos e tradicionais. O exercício da maternidade parece ter se tornado assim, segundo a autora, um problema para a mulher, devido ao fato de as transformações à condição feminina se observarem em um contexto público, mas no mundo privado estas mudanças ainda são muito tímidas. Isto porque ainda é esperado socialmente da mulher, além da realização profissional e o sucesso neste âmbito, a dedicação aos seus filhos e a educação dos mesmos. Representações tradicionais da maternidade ainda são percebidas e a crença nestas aparece como um fator gerador de angústias. Sá (2010) frisa a importância de destacar ainda a mídia como agente da divulgação e valorização destas figuras maternas, dedicadas e empenhadas, responsáveis pelo desenvolvimento psicológico, pela saúde, higiene, etc. onde o homem é um coadjuvante.

Em resumo, Travessos-Rodrigues & Féres-Carneiro (2013) salientam que, na sociedade ocidental, a maternidade é vista de forma romaneada, tendo ainda uma visão transmitida através das gerações. Ser mãe ganhou significações que se relacionam ao sacrifício, disponibilidade integral e amor incondicional, concepções que acabam se contrapondo à experiência real da maternidade, ainda mais se levando em consideração a conjuntura atual. As autoras falam sobre a imposição da impossibilidade da frustração no decorrer do aprendizado do posto materno, assim como a desqualificação de sentimentos ambíguos e hostis em relação ao bebê que a vivência pode gerar. Desta maneira, ao ser mãe agregam-se características como a intuitividade e naturalidade, negando eventuais dificuldades, rotulando mães que não condizem com este ideal como mulheres “desnaturadas”

(Azevedo & Arrais, 2005) exclui-se, assim, todo o sofrimento que ambivalência gera, causando muitas vezes desamparo.

1.3 Contribuições de Freud

Vendo em uma perspectiva freudiana, é importante, segundo Farias & Lima (2004) abordar o complexo de Édipo e a castração, evidenciando uma não equivalência da vivência do mesmo entre meninos e meninas. As autoras afirmam que para Freud ao início, ambos vêem a mãe como objeto amoroso, mas o destino deste amor acaba assumindo formas diferentes. No sexo masculino, a mãe continua sendo o objeto amoroso e, através da relação de triangulação que se instaura pela descoberta do pai como rival, surge o medo da castração devido o desvendar do órgão feminino. Assim, segundo Tourinho (2006), ele precisa mobilizar forças para que atinja a superação deste complexo, criando um supergo que impede o desejo de eliminação do pai, passando a identificar-se com o mesmo.

Na menina, como cita Farias & Lima (2004), ocorre um “desligamento” da mãe e uma aproximação ao pai. Tourinho (2006) aponta que, uma vez que a menina já nasce castrada, a mãe se torna objeto de amor e ódio, uma vez que não a mesma não proporcionou o pênis. Na teorização freudiana, segundo Farias & Lima (2004), a menina deve abandonar a mãe como objeto original, mas também abandonar o clitóris, o substituindo pela vagina. As autoras afirmam que, no entanto, a relação de exclusividade com a mãe não será de todo abandonada, mas sim influenciará como se darão relações futuras com o pai, o marido e a maternidade.

Parece importante destacar, conforme Tourinho (2006), que o Édipo não é experienciado pela menina da mesma forma. Por outro lado, sem o medo da castração, a menina não experimenta a mesma crise que o menino para superação do complexo. Sendo assim, ela permanece no conflito por mais tempo, superando o mesmo de forma incompleta e tardia, conforme pode-se observar na seguinte citação de Freud:

A renúncia ao pênis não é tolerada pela menina sem alguma tentativa de compensação. Ela desliza [...] do pênis para um bebê. Seu complexo de Édipo culmina em um desejo, mantido por muito tempo, de receber do pai um bebê como presente — dar-lhe um filho. Tem-se a impressão de que o complexo de Édipo é então gradativamente abandonado de vez que esse desejo jamais se realiza. Os dois desejos — possuir um pênis e um filho — permanecem fortemente catexizados no inconsciente e ajudam a preparar a criatura do sexo feminino para seu papel posterior [...] Deve-se admitir, contudo, que nossa compreensão interna (insight) desses processos de desenvolvimento em meninas em geral é insatisfatório, incompleto e vago. (FREUD, 1976 p. 223-224)

Comentando o trecho acima descrito, Tourinho (2006) indica que para obter a feminilidade, a menina necessita além de transferir da mãe para o pai o objeto de amor, precisa, como já comentado, abandonar o clitóris e assim abdicar do desejo de possuir um pênis, substituindo pelo desejo de ter um filho. É afirmado que, sem essas transições, ocorre o risco de ela não tornar-se uma mulher em sua plena feminilidade. São assim constituídos a passividade, o narcisismo e o masoquismo como os três pilares da condição feminina. Estes parecem ser os requisitos essenciais para tornar-se uma boa mãe, pois, assim, podem ser aceitos os sofrimentos intrínsecos à maternidade. Segundo a autora em uma percepção freudiana, é apenas através da sublimação do desejo do pênis que à mulher é permitido estabelecer formas mais elevadas do amor materno, requisito para, independente de determinantes culturais, o bom desenvolvimento produtivo feminino. Tourinho (2006) afirma que, em uma concepção freudiana de gêneros, Freud apresenta conceitos de superioridade e inferioridade, uma vez que considera incompleto o desenvolvimento do superego feminino, o que acaba determinando uma dependência à figura masculina e ao sofrimento que pré supõe a maternidade. Neste âmbito, ser mãe é compensatório, sendo a relação mãe-bebê um cenário de reedição dos conflitos, onde reconhece sua castração e a superioridade masculina.

1.4 Contribuições de Winnicott

Na abordagem winnicottiana se considera o papel de “boa mãe” ligado diretamente à disposição da mesma em adaptar-se à nova situação perante o nascimento do seu filho, sendo as primeiras semanas um prolongamento do instaurado via relação intra-uterina durante a gestação. Levando em conta que, *“a adaptação às necessidades do bebê só pode ser bem feita, ou suficientemente bem feita, pela mãe que, temporariamente, se dedica por completo aos cuidados do bebê.”* (WINNICOT, 2006, p.74). A teoria de Winnicott, assim, tem como foco a relação mãe-bebê, bem como o seu caráter simbiótico e de dependência que desperta na mãe sentimentos e comportamentos para que esta dê conta e possa proporcionar prazer. Dentro deste período de dependência, Winnicott nos aponta qualidades de uma mãe suficientemente boa, como a devoção e a dedicação, embora necessite se apresentar de forma comum, respeitando o limite sutil entre estimular e ser intrusiva. Segundo Badinter (1985), a mãe vivência o que chama de uma “doença boa”, gerada através da hipersensibilidade que o

momento desperta e que esta permite à “mãe normal” poder se adaptar às demandas do filho, sendo delicada e sensível.

Outro aspecto teorizado por Winnicott (2000) é a provisão ambiental, que, quando estável, contribui para que o bebê possa existir, possibilitando que ele seja capaz de construir um self hábil a suplantar os obstáculos do viver. Sendo assim, é importante que, nos primeiros momentos, a mãe possa amparar seu bebê, fornecendo um ambiente satisfatório. Este meio deve proporcionar um alto nível de adaptação às necessidades individuais, de forma que o bebê possa atingir um desenvolvimento em harmonia com as tendências herdadas, possibilitando sua autonomia (Winnicott, 1999). Assim sendo, o autor enfatiza a relação mãe-bebê, bem como a relação com o meio, essenciais para o processo de amadurecimento e desenvolvimento psíquico, considerando dois estados de dependência inicial humana. A primeira da conta do que diz respeito ao período gestacional até os primeiros seis meses, chama este período de dependência inicial absoluta. Num segundo momento, dos seis meses aos dois anos, existe uma dependência relativa. Nesta primeira condição dependência inicial absoluta, o bebê encontra-se em total dependência do que lhe é oferecido, ou seja, do meio e do que a mãe proporciona. O bebê e o meio são uma unidade e é a capacidade de adaptação às necessidades deste bebê que a mãe experienciará neste ambiente que permitirá o desenvolvimento natural, sendo esta a que o autor apontou como a “preocupação maternal primária” (WINNICOTT, 1980).

Dentro desta perspectiva, Winnicott destaca a devoção como algo necessário e incondicional, assim permitindo ao bebê a descoberta do mundo. Desta forma, quando, por exemplo, o bebê chuta a barriga de sua mãe ou morde o mamilo durante a amamentação, o mesmo não tem intenção agressiva e sim é se mostra como uma movimento no sentido de buscar descobrir o ambiente através da força muscular. A mãe suficientemente boa não deve reagir a estes gestos, sendo capaz de suportá-los, deve sobreviver para que estes gestos não tomem de antepartida um caráter destrutivo e agressivo. Conforme descrito por Winnicott:

Todos os processos de uma criatura viva constituem um vir-a-ser, uma espécie de plano para existência. A mãe que é capaz de se devotar por um período, a essa tarefa natural, é capaz de proteger o vir-a-ser de seu nenê. Qualquer irritação, ou falha na adaptação, causa uma reação no lactente, e essa reação quebra o vir-a-ser. (WINNICOTT, 1990; p.82)

Comentando a teorização de Winnicott, Tourinho (2006) fala que, no caso de a mãe não ser capaz de dar conta deste movimento do bebê, o afeto não se tornará ódio, mas esta ação não aceita se transforma em um sentimento de aniquilamento, em angústia inominável. A

autora explana então sobre a dependência total e que esta demanda a adequação precisa da mãe e, quando ocorre uma falha nesta adaptação, pode gerar distorções dos processos vitais do bebê. Estas falhas podem ser identificadas, segundo a autora, em mães, no caso, não suficientemente boas, onde a maternagem foi insuficiente, mas também em mães que exageram no sentido oposto, que são muito permissivas, não delimitando o espaço do bebê. Desta forma, avalia que a mãe suficientemente boa deve ser estável e presente, sendo capaz de lidar com os cuidados que o bebê necessita, disponibilizando o ambiente que proporcione o desenvolvimento da comunicação e, assim, da linguagem.

CAPÍTULO II

MÉTODO

2.1 Participantes

Para o estudo em questão serão discutidos seis relatos de mães que expressaram em grupos abertos de discussão sobre maternidade, suas insatisfações com ao papel de ser mãe. A idade do grupo e características mais pontuais como número de filhos, não pode ser obtida como dado, uma vez que as informações têm o anonimato da Internet.

Ao final de ano de 2015 levantou-se uma polêmica a cerca do dito “Desafio da Maternidade”, onde mulheres, mães, que fossem indicadas em suas redes sociais, deveriam compartilhar fotos onde a realização com a maternidade era visível, mostrando-se felizes. Consequentemente, tinham a recomendação de indicar outras mulheres para que as mesmas reaplicassem a ideia. Algumas negaram-se a participar do desafio e, assim, começou uma grande discussão sobre a satisfação através da maternidade e o sofrimento que esta pode causar. Mulheres que não revelaram não sentiram-se condizentes com ideal, acabaram sofrendo injurias de outras mães, pais e/ou leitores e foram, dentre outros termos, tidas como desnaturadas, doentes e loucas.

A situação acima destacada acabou sendo muito comentada e refletida em redes sociais e outros veículos online. Embora o termo “amo meu filho, mas odeio ser mãe” tenha tido sua grande notabilidade, muitas outras mulheres já expuseram este tipo de relato na Internet, provavelmente também devido à segurança que a possibilidade de não serem identificadas proporciona.

Os relatos utilizados foram selecionados tanto dentro deste contexto mais atual, quanto anteriormente, mas é importante destacar que, além destes descritos no presente estudo, muitos outros estão disponíveis. Aqui foram selecionados os que mais condiziam com os temas que o trabalho em questão propôs-se a discutir, mães tanto de bebês quando de crianças um pouco maiores para, assim, não se ater à mães com possível depressão pós-parto. É importante salientar que o anonimato dos relatos utilizados será resguardado.

2.2 Delineamento e procedimentos

A pesquisa deste estudo se dará de forma exploratória, onde será utilizado o delineamento de estudo de caso múltiplo, sendo a coleta de dados desenvolvida através de relatos disponíveis na Internet. Neste contexto, parece difícil uma literatura de embasamento sobre este tipo de pesquisa, pois mesmo sendo considerada a Internet como ferramenta de levantamento de dados (FLICK, 2009), nada se obteve sobre coleta de depoimentos voluntários como fonte. Quanto ao processo, este se dará através de uma pesquisa de relatos que tenham conteúdos referentes à ambivalência de ser mãe, dentro da conjunção que foi discutido nas redes sociais com tópico “odeio ser mãe” e “amo meu filho, mas odeio ser mãe”. Após a leitura dos relatos, foram selecionados seis que ilustram de melhor forma o tema que se propõe a ser abordado. Em sequência, foi desenvolvida uma a pesquisa de literatura referente a função materna e ao mito materno, leituras que digam respeito à mulher contemporânea e como esta tem lidado com a maternidade, além da revisão de teorias freudianas e winnicottianas. Os artigos acadêmicos utilizados foram obtidos através de portais como o *SciELO* e o *portal da CAPES*, bem como a leitura de livros de acervo particular e da biblioteca da UFRGS.

2.3 Instrumento

Segundo Flick (2009) a Internet na atualidade tem se apresentado como uma boa ferramenta e espaço passível de utilização no desenvolvimento de pesquisas acadêmicas, podendo ser utilizada para coleta de dados, tanto em pesquisas qualitativas, quanto quantitativas. Calliyeris, & Las Casas (2012) assinalam que, devido à duplicação do número de usuários da Internet a cada ano, atingindo cerca de 68 milhões de usuários em 2008, no Brasil, muitos investigadores têm utilizado com mais frequência ferramentas eletrônicas e/ou virtuais como método de coleta de dados. Neste sentido, o presente trabalho busca, utilizando como instrumento de levantamento de dados a Internet, relatos de mães que se dizem insatisfeitas com o papel materno. Estes relatos foram obtidos através de grupos abertos de discussão sobre maternidade.

2. 4 Análise de dados

Para a compreensão do fenômeno a que este estudo se propõe a abordar, será utilizada a técnica de análise de dados qualitativos (BARDIN, 1979) em uma perspectiva fenomenológica, onde se procura entender os aspectos individuais de cada narrativa. Assim, observando subjetivamente, buscando significados através das falas. O objetivo é captar o cerne mais profundo, não ficando na superfície aparente dos relatos, tentando, desta forma, trazer os motivos por trás do que é exposto. Para isto, forma lidos os relatos e, através do referencial teórico, foi proposta desenvolver uma discussão que busca, além de compreender as falas de uma forma mais completa, relacionar com leituras esperando proporcionar, assim, o entendimento em um âmbito social e psicológico.

CAPÍTULO III

RESULTADOS E DISCUSSÃO

3.1 Descrição dos relatos

Relato 01

“[...] Eu gosto do meu filho, sei que não tem em absoluto a ver com ele. Sou eu simplesmente. É como se algo em mim estivesse quebrado, ou seco. Descobri-me incapaz de dar amor. Não tem só a ver com egoísmo, com a vontade de ser eu, o eu que era antes dele. A verdade é que 90% do tempo não gosto de ser mãe. E repito, não é por ele, é por mim. [...] Um filho muda tudo, isto muda. Meu casamento não ficou horrível, mas ficou diferente. Antes tínhamos todo o tempo para nós. Eu tinha um marido que me mimava, que fazia todas as minhas vontades e hoje tenho que dividi-lo com o meu filho. E tantas vezes tenho que contentar-me com o tempo que sobra quando o F. dorme. Mas isto acontece com todos os casais e não é desculpa para sentir-me assim. Realmente queria poder ajudar estas mães que como eu, sentem-se desenquadradas e doloridas pelo fato de não conseguirem o que é suposto serem. E dói muito. Porque sentimentos não são coisas que se podem forçar. Existe um processo de conformismo, mas é um longo caminho para se chegar à aceitação e sabe-se lá ao amor. Será que por não amarmos nossos filhos não conseguiremos amar ninguém? Será que só existe esta forma de amor incondicional? Porque machuca tanto vermos esta filosofia espalhada descaradamente de que ser mãe é a melhor coisa do mundo, de que só depois de ser mãe se descobre o que é amor, de que existe algo qualquer de maravilhoso a que não fomos incluídas e para isto não se tornar mais vergonhoso, temos de fingir? [...]” (Anônima, 2013)

Relato 02

“Na verdade fiquei meio chocada com tantas pessoas no mesmo dilema que eu. [...] Eu amo minha filha, mais não gostei de ser mãe, não gosto de saber que alguém depende de

mim, pois não me acho modelo para essa tal responsabilidade. Um dia eu já quis ser mãe, já quis ter 3 filhos porém hoje não é como eu imaginava e também não pensava no tamanho da responsabilidade. Minha filha tem 6 anos é linda, super inteligente, amorosa, e tem suas fazes como toda criança. Eu fui amada por meus pais e ela também está sendo, as vezes vejo ela mais como uma irmã do que propriamente minha filha, mais faria tudo por ela. Não sei porque fiquei assim, agora eu to noiva e ele gosta muito dela apesar dessa parte de paternidade para ele seja novo, mas com certeza ele se sairá muito melhor do que eu, só tem um único problema é que ele quer ter mais um filho e eu tenho pavor disso, quero viver minha vida com ele e com a minha filha e aprender a ser uma mãe melhor. Achava que por ser mulher seria como por no piloto automático e iríamos saber o que fazer, mais não é assim e está longe de ser !!!!” (Anônima, 2013)

Relato 03

“Sou mãe há anos, e um enorme sentimento de frustração e tristeza me acompanha simplesmente por eu não gostar nem um pouco dessa condição. Pensei que com o tempo isso passaria, e que eu conseguiria ser mais afetuosa com meu filho, agora quase um adolescente. Mas não, pois até agora não possuo aquele sentimento tão maravilhoso que muitas mães dizem sentir. Muito pelo contrário, quando vejo mulheres sem filhos, tão livres e independentes como um dia fui, sinto uma raiva de mim mesma tão grande, e me arrependo muito de ter feito essa burrada na minha vida. Não tenho mais a liberdade de ir e vir que tinha antes, minha vida está um saco. [...] Outra coisa que não suporto é ter que fazer tudo que filho quer, pois ele depende de mim para quase tudo, e isso me irrita demais. O pior é ter deixado a minha vida profissional de lado, pois nunca tive o apoio de ninguém, nem da minha família e sempre fiz tudo sozinha. E lá se vão anos... Meu casamento está uma porcaria, pois depois da maternidade TUDO mudou, eu virei mãe, ele pai e o resto acabou. Tento ser otimista e pensar que um dia ele será independente e viverá a sua vida, aí quem sabe eu consiga voltar a viver de verdade novamente, mesmo estando velha. Infelizmente é assim que me sinto, e não feliz como tantas pessoas me disseram que eu me sentiria com a maternidade. Na verdade me sinto muito mal comigo mesma, e me culpo todos os dias por ter feito isso com a minha vida. Se arrependimento matasse eu já estaria morta faz tempo... Obrigada pelo espaço, precisava desabafar.” (Anônima, 2014)

Relato 04

“Entendo exatamente o que você sente, me sinto igual. Tenho dois filhos, um de 7 e um de 4 anos e todos os dias penso o que fiz com a minha vida. Amo eles, faço tudo por eles, os alimento, os educo, digo várias vezes que os amo, mas não sou feliz. Não sei se é porque estou sozinha, separada, e todas as responsabilidades ficam em cima de mim. Me sinto sobrecarregada todos os dias. Procuro agradecer a Deus por eles serem saudáveis, penso, mas por que não me sinto feliz? Vejo a maioria das mães dizendo que não conseguem viver sem os filhos, que se sentem realizadas e coisa e tal, muitas outras mulheres infelizes porque não conseguem ser mãe. E eu aqui querendo, por um dia que fosse, ser eu novamente, eu sozinha.” (Anônima, 2014)

Relato 05

“A maternidade não me faz feliz, o D. me faz feliz. Eu não amo ser mãe. Colocar meus planos em pausa, não dormir direito, ser cobrada sempre e sempre me sentir errada, morar sozinha com um bebê de 15 meses, estudar sem ter tempo para estudar, ser preterida em relacionamentos, ser abandonada por todas as minhas amigas, suportar sozinha o peso da nossa existência: nada disso me faz feliz. Eu amo o D. Amo com um amor que torna algumas privações mais suportáveis, algumas dores mais velozes, algumas lágrimas menos solitárias. Eu amo o D., mas eu não amo ser mãe. Eu não amo ser mãe em uma sociedade que reserva a mim o papel de cuidadora inata, de Maria, de culpada. Eu não amo ser mãe em um sistema que me apedreja por dizer que eu não amo ser mãe, por dizer que ser mãe é a experiência mais triste e solitária que já vivi, por falar sobre amor sem falar sobre hierarquia, por nunca deixar ninguém dizer que amar um filho é viver só por ele. Eu sou tão importante quanto o D. Minha felicidade, meus sonhos e minha individualidade valem o mesmo que a felicidade dele, os sonhos dele e a individualidade dele. A imagem da força materna é glorificada não por amor ou admiração, mas para que mães – tão fortes – continuem arcando sozinhas com a criação de crianças. Quando elogiam minha força me entristeço. Orgulho-me de méritos na minha maternidade. Fiz escolhas por amor e conhecimento. A minha força não foi uma escolha. A minha força foi, e é a minha sobrevivência.” (Anônima, 2016)

Relato 06

“Olá, esse assunto é um verdadeiro tabu, é como se fosse um pecado imenso falar dele. Parabéns pela coragem, pois não são poucas as mulheres que se sentem assim, mas por medo do julgamento alheio, tem de sufocar dentro de si próprias esse sentimento tão angustiante.

Infelizmente sinto o mesmo, não suporto ser mãe, e me arrependo amargamente de ter entrado nessa. Minha vida mudou sim, mas para muito pior. Faço de tudo, educo, cuido direitinho, sou presente, sei das minhas responsabilidades, mas não me peça para gostar, pois não consigo. Minha vida está parada, estagnada há anos por causa disso. Aliás, não tenho mais vida, pois tudo que quero fazer, tenho que pensar em um outro ser. Minha vida era um milhão de vezes melhor antes da maternidade, com toda certeza. Não dá para ser feliz plenamente. Mas tenho de fingir que a maternidade é a melhor coisa do mundo, pois se eu disser o contrário, meio mundo cai matando em cima de mim. Tem dias que penso no pior, penso em sumir desse mundo para sempre, é uma tristeza muito grande. Acredito que ser mãe seja bom para quem tem esse dom, e para quem tem total apoio familiar e financeiro (e olhe lá!), o que não é o meu caso. Amava viver antes disso, mas hoje em dia perdi quase toda a vontade de viver. É uma luta constante para acordar todos os dias e encontrar forças para enfrentar essa vida.” (Anônima, 2015)

3.2 Discussão

Lendo os relatos selecionados, é possível perceber uma semelhança muito grande de conteúdos. São mães em diferentes momentos da maternidade, algumas solteiras, outras casadas, que compartilham do mesmo sofrimento: não gostar de ser mãe. Tal como descreve Tourinho (2006), vemos a partir dos relatos uma grande aflição e, por não vivenciarem de uma certa forma um “amor incondicional” que a sociedade cobra, trazem em suas falas grandes sentimentos de culpa. A autora ainda infere sobre as responsabilidades, sobre os padrões comportamentais esperados que o papel materno implica à mãe. São estes padrões e responsabilidades que, em alguns dos relatos, como podemos observar, desencadeiam um sentimento de anulação, de estagnação para dar conta destas demandas, não podendo sentirem-se livres nem elas mesmas. Podemos ver estes aspectos em frases como no Relato

04: *“E eu aqui querendo, por um dia que fosse, ser eu novamente, eu sozinha.”*, onde pode ser entendido como uma vontade de voltar a ser como antes, antes da maternidade, parece não sentir-se mais como ela mesma e sim apenas exercendo seu papel de mãe. Os mesmos sentimentos se assimilam ao trecho do Relato 06: *“Minha vida está parada, estagnada há anos por causa disso. Aliás, não tenho mais vida, pois tudo que quero fazer, tenho que pensar em um outro ser. Minha vida era um milhão de vezes melhor antes da maternidade, com toda certeza.”*

Conforme o indicado anteriormente por Badinter (1985) em relação a mudança histórica de pensamento quanto à imagem materna, impondo à mulher obrigações, o instinto materno, o amor incondicional e o dom da maternidade, vemos em mais de um relato uma crítica em relação a estas atribuições. Isto se mostra claro como, conforme o Relato 01: *“Será que por não amarmos nossos filhos não conseguiremos amar ninguém? Será que só existe esta forma de amor incondicional?”*, Também vemos o que, segundo Tourinho (2006) infere como a instauração da mentalidade durante os séculos XIX e XX de relacionar invariavelmente a feminilidade com a maternidade, algo sujeito a resignificação, como no Relato 02: *“Achava que por ser mulher seria como por no piloto automático e iríamos saber o que fazer, mais não é assim e está longe de ser !!!!”*. Nesta frase podemos observar justamente questionamento desta posição imposta socialmente referente ao dom materno como, pelo simples fato de ser mulher, existe instintivamente a habilidade para ser mãe, algo inato do ser feminino. Neste contexto, a figura da mulher é tida como capaz de suportar sofrimentos, fortes em sua essência por serem capazes de ser mãe e suportar a dor como algo esperado. No Relato 05 é notável crítica a esta visão, muitas vezes, retrógrada: *“A imagem da força materna é glorificada não por amor ou admiração, mas para que mães – tão fortes – continuem arcando sozinhas com a criação de crianças. Quando elogiam minha força me entristeço. Orgulho-me de méritos na minha maternidade. Fiz escolhas por amor e conhecimento. A minha força não foi uma escolha. A minha força foi, e é a minha sobrevivência.”*

Quanto aspectos do papel materno historicamente indicado por Tourinho (2006), podemos pensar que, levando em conta a sociedade contemporânea e, conseqüentemente, o que foi trazido no decorrer dos relatos, alguns continuam arraigados socialmente. A maternidade ainda apresenta um sentido inclusive religioso, onde o amor se torna dignificante através do sacrifício. Por ainda ter esse viés ligado a religiosidade, ao divino, visto como dádiva, se torna muito desconfortável para as mães que não sentem-se encaixadas neste papel

poder se expressarem. Vemos esta questão sendo discutida conforme lemos trecho do Relato 05: *“Eu não amo ser mãe em uma sociedade que reserva a mim o papel de cuidadora inata, de Maria, de culpada. Eu não amo ser mãe em um sistema que me apedreja por dizer que eu não amo ser mãe [...]”*. Em outra declaração, podemos ver um conteúdo do mesmo sentido: *“esse assunto é um verdadeiro tabu, é como se fosse um pecado imenso falar dele. Parabéns pela coragem, pois não são poucas as mulheres que se sentem assim, mas por medo do julgamento alheio, tem de sufocar dentro de si próprias esse sentimento tão angustiante”*. Em ambas as falas vemos o sofrimento de não poder abordar este assunto de uma forma em que não sejam julgadas pois, para a sociedade atual, ser mãe ainda é tido como algo edificante e parece incoerente que uma mulher não se sinta pertencente a esta situação.

Outro ponto que, embora tenha mudado, ainda se vê na maioria das vezes, é a responsabilidade única da mãe em relação a questões como o bem-estar da família, educação e cuidados de seu filho. Além do apontado historicamente onde o homem não se tornava presente por ter outras atribuições, hoje em dia, com a possibilidade de separação, resta à mulher dar conta do desenvolvimento de seu filho, muitas vezes sozinha. Mesmo mulheres casadas ainda experienciam muitas vezes o desinteresse masculino nestas tarefas, o que acaba recaindo inteiramente nela. Este acúmulo de deveres se torna desafiador, tendo que lidar com diversas demandas de forma autônoma o que, claramente, pode ser desencadeador de grande sofrimento. Observamos estas questões conforme a seguinte frase retirada do Relato 04: *“Não sei se é porque estou sozinha, separada, e todas as responsabilidades ficam em cima de mim. Me sinto sobrecarregada todos os dias. Procuo agradecer a Deus por eles serem saudáveis, penso, mas por que não me sinto feliz?”*. Bem como, no Relato 05: *“Colocar meus planos em pausa, não dormir direito, ser cobrada sempre e sempre me sentir errada, morar sozinha com um bebê de 15 meses, estudar sem ter tempo para estudar, ser preterida em relacionamentos, ser abandonada por todas as minhas amigas, suportar sozinha o peso da nossa existência: nada disso me faz feliz”*. Nas duas vemos como pode ser estressante ter que lidar sozinha com inúmeras tarefas, gerando sentimentos de frustração e infelicidade.

Da mesma forma, em um contexto mais atual, pode ser discutida a premissa de que apenas a mulher é capaz de exercer o afeto materno, como proveniente unicamente do sexo feminino. Alguns pais exercem mais esta função plenamente e, para mães que não se encaixadas neste papel, parece ser algo positivo pois, assim, podem sentirem-se mais amparadas. Exemplo disto está no Relato 02: *“[...] agora eu to noiva e ele gosta muito dela*

(sua filha) *apesar dessa parte de paternidade para ele seja novo, mas com certeza ele se sairá muito melhor do que eu [...]*”.

Caracterizando o puerpério como um período de diversas modificações intra e interpéssicas, Travessos-Rodrigues & Féres-Carneiro (2013) as mulheres se veem em uma situação propícia a instabilidades: hormonais, metabólicas, corporais, necessitando maior esforço elaborativo, o que pode gerar ambivalências. No que diz respeito a estas ambiguidades que aparecem nas narrativas da maioria dos relatos selecionados, Tourinho (2006) aponta que, por não sentirem-se de acordo com o esperado social e suas normas, mesmo as mães que cuidam de seus filhos, os amam ainda que confusas com seus sentimentos, experienciam grande culpabilidade. Esta confusão de sentimentos, acaba sendo experienciado dicotomicamente como amor e ódio, assim podendo ser nomeado, o que parece menos aflitivo devido tamanho sofrimento que a falta de palavras para descrever estas emoções causa. A autora, ainda propõe que o contrário também possa ocorrer, uma mãe pode conceber um filho e não amá-lo, mas exercer todos os cuidados de forma inquestionável por questões de adequação normativa. Nos relatos apresentados, estas mães, em sua maioria, parecem tentar se adequar ao que é socialmente esperado, engolindo suas angústias, tolerando-as para o bem de seus filhos e para que não sejam julgadas. Não aparentam não amarem seus filhos mas, sim, não amam as circunstâncias que estão inseridas e as exigências que estas acarretam.

Em um contexto social atual, Sá (2010) discorre que, mesmo ainda tendo o desejo pela maternidade, as mulheres têm novos anseios, como a satisfação tanto pessoal quanto profissional, o que pode tornar a maternidade em um problema, gerando dúvidas e dificuldades. Neste aspecto, vemos que as mães que expuseram seus relatos, ao tentarem ser suficientes para seus filhos, acabaram abdicando de suas carreiras ou tendo dificuldades para dar conta destes dois papéis de forma plena pois, mesmos maiores, os filhos ainda dependem de suas mães. Podemos observar estes pontos no Relato 03, onde infere: *“Outra coisa que não suporto é ter que fazer tudo que filho quer, pois ele depende de mim para quase tudo, e isso me irrita demais. O pior é ter deixado a minha vida profissional de lado, pois nunca tive o apoio de ninguém, nem da minha família e sempre fiz tudo sozinha. E lá se vão anos...”*.

Travessos-Rodrigues & Féres-Carneiro (2013) falam sobre a maternidade vista na cultura ocidental como romanceada, ainda ligada ao sacrifício que vem de concepções ultrapassadas e irreais considerando a conjuntura atual. Estas mães são privadas de sentir frustração e a sociedade deslegitima os sentimentos ambíguos, pendendo a rotular as mães

que não condizem com o ideal como “desnaturadas”, não dando espaço para sentimentos de ambivalência, gerando desamparo. Podemos identificar estas questões refletidas em trechos como, no Relato 06: *“Mas tenho de fingir que a maternidade é a melhor coisa do mundo, pois se eu disser o contrário, meio mundo cai matando em cima de mim. Tem dias que penso no pior, penso em sumir desse mundo para sempre, é uma tristeza muito grande”*. Para que não haja este julgamento social, estas mães parecem ser forçadas a fingir, aumentando o sentimento de culpa, assim como no Relato 01, que se assemelha ao anterior: *“Porque machuca tanto vermos esta filosofia espalhada descaradamente de que ser mãe é a melhor coisa do mundo, de que só depois de ser mãe se descobre o que é amor, de que existe algo qualquer de maravilhoso a que não fomos incluídas e para isto não se tornar mais vergonhoso, temos de fingir?”*.

Buscando compreender este “ódio de ser mãe”, abordando um enfoque psicanalítico, como visto em referencial teórico, para Freud, conforme Farias & Lima (2004), no sexo feminino existe um afastamento da mãe e uma aproximação do pai. Por já nascer castrada, a mãe torna-se objeto de amor e ódio. A solução deste conflito, segundo as autoras, influenciará como a mesma lidará inclusive com a maternidade. Além disto, Tourinho (2006), afirma que para Freud a menina precisa abdicar o desejo de possuir um pênis para que assim seja o mesmo substituído pela vontade de ter um filho. Sendo assim, segundo esta teoria, estas mulheres podem ter tido algum problema em suas resoluções edípicas, pois é através da sublimação do desejo do pênis que a mulher será capaz de vivenciar o mais pleno amor materno.

Embora no sentido de buscar uma origem destes sentimentos de descontentamento com a maternidade possam ser analisáveis e, provavelmente, estas mulheres tenham indicação de uma psicoterapia neste sentido, a teoria de Freud corrobora com a compreensão de função materna arraigada socialmente. Entende a mulher como inferior e considera o desenvolvimento do seu superego como incompleto. Assim, inferido como características da mãe ideal as implementadas a partir do século XIX, a passividade e o masoquismo aparecem como importantes pilares da constituição feminina. Aqui devemos ter parcimônia, considerando a época em que sua teoria foi concebida. Questões mais profundas de infelicidade em relação a maternidade podem de fato estarem relacionadas com vivências com a própria mãe, uma vez que ocorre e reedição do conflito. No entanto, outros aspectos da teorização parecem ultrapassados e devem ser abordados em uma percepção mais atual.

Já na visão winnicottiana, ser boa mãe está ligado a sua adaptação a esta nova situação, às suas novas atribuições e tem como foco a relação mãe-bebê. Aqui características como as já há muito tempo inferidas à maternidade, bem como a devoção e a dedicação, são presentes em sua teorização sobre a mãe “suficientemente boa” e, até hoje, parece coerente. Embora seja uma abordagem muito importante para compreender a díade mãe-bebê, questões como a dependência total podem ser muito difíceis para várias mães, o que parece ser o caso de algumas destas que relatam este “ódio de ser mãe”. No entanto, afigura-se ser necessário observar cada caso separadamente, pois muitas destas mulheres podem ser mães “suficientemente boas” sem gostar do papel que exercem. Podem prover afeto de forma adequada e se dedicar por completo ao seu bebê, mas também não sentem-se, em seu âmago, satisfeitas com as abdições feitas para que sejam capazes de proporcionar toda esta devoção, podendo gerar frustração e ambivalência.

Tourinho (2006) ressalta que, para Winnicott, quando a mãe não se vê capaz de dar conta das demandas do bebê, a mesma não experimenta o ódio em si, mas sim um aniquilamento e uma angústia profunda. Para algumas dessas mães, essa incapacidade de identificar as necessidades do bebê podem ser entendidas pelas mesmas como ódio mas, existe a possibilidade de este sentimento inominável ser, justamente, referente ao sofrimento proveniente desta impotência. Sendo assim, mais uma vez, se torna importante ressaltar que, quando há sofrimento, uma procura psicoterápica é indicada, podendo ajudar a mulher a vir a ser uma mãe “suficientemente boa”, para que haja uma compreensão melhor de si mesma e, conseqüentemente, do bebê. Até mesmo mães que dão conta das demandas podem ter frustrações intrínsecas à maternidade, como abdições que a condição acarreta. Neste contexto, quando estas questões trazem angústia, também se torna importante a busca de auxílio para uma melhora na qualidade de vida e da relação, não só mãe-bebê, mas mãe e filho, independente da idade.

CAPÍTULO IV

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Particularmente me interessei sobre a temática abordada no presente trabalho após ver a repercussão em veículos online ao tópico “amo meu filho, mas odeio ser mãe”. Em um primeiro momento, aparentemente, a maioria das opiniões pareciam ser negativas. As mães que se revelaram infelizes com seus papéis, chegaram a ser vistas como indignas da maternidade, tendo um grande percentual de repercussão de extrema animosidade. Mas, ao pesquisar um pouco mais, vemos uma imensa quantidade de mulheres que sentem-se desamparadas dentro desta conjuntura. São centenas de mulheres que referem sentimentos semelhantes ao dos relatos aqui abordados e, ainda devemos considerar outras centenas que compartilham deste sofrimento mas não sentem-se livres em debatê-los por, até, não saberem que tantas outras compartilham dos mesmos sentimentos. A Internet, neste caso, se mostrou como um meio eficiente para que estas mulheres pudessem expor suas angústias de forma segura, além de verem que não estão sozinhas. Isto pode proporcionar a elas algum tipo de amparo, como em relatos aqui descritos, onde mais de uma destas mães relataram ser proveitoso o espaço de desabafo e relataram desconhecer que outras também se encontram na mesma situação.

Claro que a depressão pós-parto, acredito, seja o caso de grande parte das mães que relatam este “ódio de ser mãe” quando seus filhos ainda são bebês. Outras podem ter desenvolvido uma depressão a partir da experiência de privação que a maternidade pode acarretar. O sofrimento parece ser muito grande, como é possível notar em alguns dos relatos o que, provavelmente, tem a ver com este diagnóstico. Independente deste aspecto, aqui a proposta foi entender a maternidade como fora dos padrões normativos, como os ideais da função materna podem gerar angústia e ambivalência em um entendimento psicossocial. Embora não seja possível aferir conclusivamente se as mulheres das narrativas utilizadas estão ou não em um estado depressivo a partir de apenas um relato, parece ser importante para algumas a busca de um acompanhamento psicoterapêutico.

Se torna alarmante pensar no desamparo que estas mulheres estão vivenciado, mesmo em diferentes fases da maternidade. Guardar para si estes sentimentos sem possibilidade de exteriorização se mostra deveras aflitivo, embora seja compreensível a motivação para não

expor estes sentimentos, como o julgamento e o desencaixe social. Embora algumas pareçam ser capazes de prover afeto, demonstram insatisfação do papel em si, muito reflexo ainda da idealização da função materna. Mas, ainda neste âmbito, pode ser que algumas destas dificuldades tenham associação com aspectos relacionados com suas próprias mães, questões de apego e formação de vínculos, o que deve ser melhor averiguado dependendo do caso.

Para as mães que demonstraram um sofrimento mais profundo em relação à maternidade, parece ser válido um acompanhamento psicoterapêutico. Em casos não tão graves, a troca de experiências já se mostra como algo positivo para dar conta de seus sentimentos. Grupos de apoio à mães que sintam-se frustradas com seus papéis onde possam discutir esta questão sem julgamento, pode ser uma boa solução. Neste ponto de vista, os grupos abertos de discussão online se mostraram importantes para estas mulheres, fazendo as mesmas sentirem-se aceitas para discutir a temática.

Outra questão que se apontou relevante de destaque é a falta de suporte que muitas mulheres sofrem ao criar um filho sozinha. Esta necessidade de apoio parece ser não só física, mas emocional, não necessariamente sendo de um par romântico ou de um homem. É importante ter o amparo, seja da família ou amigos, mas de pessoas que compreendam as dificuldades e responsabilidades que ser mãe acarreta e que se mostrem disponíveis para servir de auxílio, até apenas como escuta. Aqui, novamente, em um contexto social, é entendido que a mulher é capaz de forma inata de dar conta sozinha de todas suas tarefas, o que afasta os demais das demandas inúmeras e incontáveis que ser mãe engloba.

Refletindo sobre o discutido na presente pesquisa, de dois séculos para cá, parece que pouco mudou sobre o que é esperado de uma mulher quando a mesma se torna mãe. Embora muitos pais estejam sendo mais participativos na criação de seus filhos e que a mulher tenha conquistado novas atribuições como no mercado de trabalho, a maternidade ainda é vista como algo digno de satisfação e amor incondicional. Recai à mulher, na maioria das vezes, decisões essenciais sobre o futuro e criação de seu filho e, quando algo não acontece como o esperado, é a primeira a ser culpada. Propôs-se aqui discutir estas questões, repensar a maternidade como algo apenas positivo, mas como uma experiência que traz questionamentos, ambivalências e temores, o que é natural em todas as grandes experiências da vida. Ainda temos uma concepção retrógrada do papel materno e podemos ver que o mesmo acarreta grande sofrimento em indivíduos que deixam de ser mulheres para serem mães. Se anulam, adiam sonhos, deixam suas profissões em segundo plano, se frustram e,

ainda assim, são tidas como “desnaturadas” por simplesmente, não se encaixarem a parâmetros normativos e idealizações irreais.

Gostaria aqui de finalizar a reflexão proposta com um texto que, embora um pouco longo, parece abranger o que todas as mães dos relatos utilizados parecem sentir, além de criticar o papel materno e as imposições sociais, relata um pouco das angustias e frustrações de ser mãe. Publicado em seu diário online, Julia, uma mãe que se posiciona a discutir maternidade e outros temas sociais que a mesma abrange, infere:

Mãe não é exclusivamente amor, carinho e compaixão. Mãe é uma mulher que sofre, que chora, que reclama. Mãe se tranca no banheiro por minutos livre pela sua sanidade. Mãe é uma mulher que, como nunca antes, questiona o patriarcado e os malditos papéis de gêneros dentro da maternidade. Mãe fica com inveja do pai e da vida dele que segue tão igual a antes. Mãe sente vontade de ter nascido homem. Mãe se exclui socialmente. Mãe carrega nas costas dupla ou tripla jornada. Mãe abre mão da vida profissional porque não tem escolha. [...] Mãe se arrepende. Sim, de ter se tornado mãe: pelo menos por um segundo, ela se arrependerá. Mãe se sente sozinha. Mãe vai querer que a licença maternidade acabe logo, e depois não vai querer que acabe nunca. Dói ficar em casa 100% do tempo com um bebê mas também dói sair de casa sem ele. Mãe é contradição. Mãe atura marido por medo de se separar. Por medo de ser mãe solteira. Mãe atura até violência doméstica por isso. Mãe tem dores. Físicas e psicológicas, muitas dores. Além das suas dores, mãe também sente as da cria (10x mais forte). Mãe é mulher sobrecarregada. É mulher há dias sem dormir. Cansada. É mulher sem o mínimo de vaidade pois já abriu mão do que não é urgente. Ou é mulher vaidosa que se sente feia por não ter tempo. Mãe se sente muito feia. Tem que se acostumar com o novo corpo. Mãe passa fome. Passa dias sem tomar banho. Mãe olha para o céu e agradece quando consegue fazer xixi. Mãe tem suas vontades e necessidades jogadas para o lado para atender a cria. ‘Ahhhh mas mãe que é mãe faz isso feliz’. Ela tem escolha? Mãe é insegura. Mãe é uma mulher que se tornou tão vulnerável quanto como se sua pele do peito fosse arrancada e o coração estivesse exposto ali assim tão fácil de ser machucado. Mãe se culpa, se culpa, se culpa diariamente e se questionará como mãe para o resto da vida pois a sociedade não vai cansar de apontar o dedo e lembrá-la de como ela provavelmente está fazendo isso errado. Mãe é uma mulher que sonhou com a maternidade romântica e sofreu muito para adaptar-se quando viu que a realidade é bem diferente. E que, por conta da poesia que todos pensam quando se fala em ‘ser mãe’, ela não se sente no direito de reclamar. Não sem se sentir envergonhada ou culpada. Porque MÃE É MÃE, dizem todos. Essa frase opressora que serve de justificativa para que aceitemos todo o peso da maternidade sem reclamar, quase como se fosse ‘agora aguenta’. E é claro que eu escrevo esse texto com o coração e com culpa, pois afinal MÃE É MÃE, né? O que eu estava pensando? Ainda bem que, no sofrimento, na surra, nas situações difíceis nós também crescemos. Agradeço a maternidade por me mostrar o quão forte nós realmente somos. E você nos subestima patriarcado, quando acha que a falta de tempo que a maternidade acarreta vai nos calar. (HARGER, 2015)

REFERÊNCIAS

- AZEVEDO, K. R. & ARRAIS, A. R. O mito da mãe exclusiva e seu impacto na depressão pós-parto. **Psicol. Reflex. Crit.**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 269-276, 2006.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado: O mito do amor materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- CALLIYERIS, V. E.; LAS CASAS, A. L. A utilização do método de coleta de dados via internet na percepção dos executivos dos institutos de pesquisa de mercado atuantes no Brasil. **Interações (Campo Grande)**, Campo Grande, v. 13, n. 1, p. 11-22, jun 2012.
- FARIAS, C. N. F & LIMA, G. G. A relação mãe criança: esboço de um percurso na teoria psicanalítica. **Estilos clin.**, São Paulo, v. 9, n. 16, p. 12-27, jun. 2004.
- FLICK, U. **Introdução a pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FREUD, S. **A Dissolução do Complexo de Édipo**. Vol.XIX. 1ª ed. Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- HARGER, J. Desconstruir a maternidade romântica é nosso papel. 22 nov. 2015. Disponível em: <<https://veganaeasuamae.com/2015/11/22/desconstruir-a-maternidade-romantica-e-nosso-papel/>>. Acesso em: 04 mar. 2016.
- LAPLANCHE, J. & POTALIS, J. B. **Vocabulário da psicanálise**. Tradução de Pedro Tamen. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- SÁ, E. C. De volta ao fogão: A (re)valorização da maternidade intensiva e do trabalho doméstico feminino. Fazendo Gênero 9, **Diásporas, Diversidades, Deslocamentos**, 23 a 26 de agosto de 2010.

SERRURIER, C. **Elogio às Mães Más**. São Paulo: Summus, 1993.

TOURINHO, J. G. A mãe perfeita: idealização e realidade - Algumas reflexões sobre a maternidade. **IGT na Rede**, v.3, n. 5, 2006.

TRAVESSOS-RODRIGUEZ, F. & FÉRES-CARNEIRO, T. Maternidade tardia e ambivalência: algumas reflexões. **Tempo psicanal.**, Rio de Janeiro, v. 45, n. 1 p. 111-121, jun, 2013.

WINNICOTT, D. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Da Pediatria à Psicanálise**. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **A Família e o Desenvolvimento do Indivíduo**. Belo Horizonte: Interlivros, 1980.

_____. **Natureza humana**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.

_____. **Tudo começa em casa**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.